



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

A CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DO CAVALHEIRO NO ROMANCE GRANDES ESPERANÇAS



THE DIALOGICAL CONSTRUCTION OF THE GENTLEMAN IN THE NOVEL GREAT EXPECTATIONS

Antonio Flávio Ferreira de OLIVEIRA
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

Amanda Freire de FREITAS
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 07/06/2019 • APROVADO EM 21/11/2019

Resumo

O presente estudo utilizou-se dos princípios teóricos do Círculo de Bakhtin, que fundamentam a Teoria Dialógica da Linguagem e empreendem uma análise sustentada pelo Método Sociológico em todas as manifestações discursivas. Tal análise é estabelecida pelo paradigma qualitativo interpretativista. Tem como objeto de análise um romance da Literatura Inglesa escrito em meados do século XIX, com o título *Grandes Esperanças* (1860). A partir do reconhecimento histórico-social da obra, foram identificadas as enunciações que elucidam os elementos valorativos construídos pelas relações de intersubjetividade. Tais enunciações foram categorizadas, de acordo com a valoração atribuída à constituição do sujeito (Pip) como (cavalheiro) participante da esfera social. Seguindo o pressuposto teórico do Círculo de Bakhtin, foi concebida uma compreensão histórico-social da construção ideológica do

cavalheiro da personagem Pip, dentro do romance. Após identificar todos os elementos valorativos presentes na obra, conclui-se que, assim como na vida real, a construção dialógica do sujeito se dá por meio das relações sociais que este empreende dentro da esfera a que pertence.

Abstract

The present study is based on the theoretical principles of the Circle of Bakhtin that underpin the Dialogical Theory of Language, and undertakes an analysis directed by the sociological method in all the discursive manifestations. This analysis has a qualitative interpretative character. And it has as object of analysis a novel of English Literature written in the middle of Century XIX, and it is titled in English like *Great Expectations* (1860). From the historical-social recognition of the work, we identify the enunciations that elucidated the value elements constructed from the relations of intersubjectivity, and these enunciations were categorized according to the valuation attributed in the constitution of the subject (Pip) as a (gentleman) participant in a particular social sphere. Following the Bakhtinian presuppositions, we were conceived a historical-social understanding of the ideological construction of the gentleman of the character Pip, within the novel. After we identify all the valuative elements present work, we conclude that, as in real life, the ideological construction of the subject occurs through the social relations that he undertakes within the sphere to which this subject belongs.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Dialógica da Linguagem. Romance. Cavalheiro. Relações de intersubjetividade. Ideologia.

KEYWORDS: Dialogical Language Theory. Novel. Gentleman. Intersubjectivity relations. Ideologies.

Texto integral

A transformação/construção do indivíduo em sujeito discursivo é uma consequência inerente às interações sociais de um modo geral. Essas construções são feitas de modo coletivo e instituem uma relação de alteridade entre todas as esferas ideológicas. Desse modo, os, então, sujeitos contribuem para a (re)criação de signos ideológicos que refratam a realidade social de cada campo enunciativo através do estilo que, posteriormente a sua (re)criação, tornar-se-á particular àquela esfera ideológica.

Considerando essa afirmação, o foco da nossa pesquisa está voltado para a análise de um romance, advindo da Literatura Inglesa do século XIX, intitulado em inglês como *Great Expectations*, e assim iremos nos referir a ele durante todo o desenrolar da investigação.

Assim, nossa observação foi direcionada a uma personagem, em especial, Pip, na qual investigamos como se dá a construção do sujeito como cavalheiro em uma “nova” esfera ideológica, a partir das relações intersubjetivas entre os sujeitos. O nosso estudo buscará encontrar/verificar os elementos ideológicos de cada valoração histórico-social que colaboraram, primordialmente, para a

formação de Pip como cavalheiro. O faremos, de acordo com os preceitos metodológicos instituídos pelos estudos do Círculo de Bakhtin, principalmente os que estão estabelecidos nas obras do próprio Bakhtin (2015); Volóchinov (2017); Bakhtin (2006); Bakhtin (2011) etc.

A compreensão e o suporte que a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) concebe direciona-nos para que possamos entender a linguagem como um evento social, de modo que ela jamais receba um acabamento e os sujeitos participantes do discurso, em seus projetos enunciativos, as recriem com novas significações e lhe atribuam novos sentidos. Essas significações são construídas a fim de que haja uma compreensão mútua do seu sentido, pois sua construção não está somente relacionada aos aspectos semióticos da língua.

Assim, o direcionamento dado pela TDL irá fomentar a identificação dos elementos no objeto de análise e sua categorização para investigarmos quais as valorações sociais que são impostas à formação do cavalheiro, e como os aspectos externos (ou extraverbais) influenciam nessa construção ideológica do sujeito.

Com o intuito de organizar e determinar a pesquisa, procuramos estabelecer um direcionamento, elaborando algumas questões que procuramos responder durante a análise e a conclusão desta. Vejamos: Qual era o valor de ser um cavalheiro? Qual o valor de ter recebido uma fortuna? Qual a relação entre o contexto histórico da obra e o contexto histórico real em que esta foi escrita? Esse conjunto de perguntas nos serve de base para fazermos uma pergunta maior, a saber: como o cavalheiro pode ser constituído dialogicamente?

A partir desses questionamentos, buscaremos identificar os elementos valorativos construídos em sociedade para o cavalheiro; como eles são transmitidos ao sujeito cavalheiro; como eles se justificam dialogicamente; quais os reflexos sociais dessa construção valorativa; e, principalmente, como se dá a construção do cavalheiro (Pip) no romance.

Apesar de o romance *Great Expectations* ser uma obra bastante rica em vários aspectos literários e discursivos, observou-se, portanto, que até o momento da pesquisa não havia nenhum estudo desse romance, teoricamente amparado pelo pressuposto da TDL, pelo menos, não em língua portuguesa.

Assim como tantas outras manifestações discursivas, o romance é um gênero no qual podemos nos debruçar e fazer uma análise segundo o Método Sociológico. Os estudos do Círculo nos fornecem as ferramentas necessárias para tal. E, embora tenhamos nos empenhado em fazer uma análise mais verticalizada de um elemento discursivo em especial, há ainda a possibilidade de desenvolvimento de outras análises, seguindo os mesmos pressupostos.

A pesquisa que fizemos poderá tão somente ser um estímulo para que sejam realizados novos estudos desse romance e para que seja mostrada a importância de uma análise social desse gênero discursivo. Além disso, sabemos que o romance, em especial, tem sua construção apoiada nas relações interpessoais da vida real e tem esses elementos transferidos para dentro dela, isto é, são os fatores sociais externos que determinam e influenciam na construção histórico-social do romance.

Para que apreendêssemos os aspectos da pesquisa, de forma objetiva, seguimos uma organização sequencial de sessões. Iniciamos na sessão 2 com a

fundamentação teórica, apresentando os conceitos-chave que são inerentes à TDL. Logo em seguida, procuramos fazer uma abordagem geral da metodologia utilizada para a identificação dos elementos de valoração social do sujeito do discurso e posteriormente a categorização desses elementos e a efetuação da análise, de modo mais direto. Finalizamos com a conclusão da análise, respondendo às questões que surgiram na introdução desta pesquisa e também durante a realização da análise.

1 Elementos conceituais da TDL

O Dialogismo constitui um conceito fundamental para o Círculo de Bakhtin. Essa vertente teórica é evidenciada para estabelecer a concepção de linguagem na qual a língua, em todas as suas manifestações, é, certamente, dialógica, isto é, o produto de uma esfera ideológica, criado em eventos interacionais. Sendo assim, todo ato enunciativo institui dialogia, quer dizer, no processo comunicativo enunciativo existe o diálogo interno na palavra do eu com a palavra do outro e, inevitavelmente, é, ao tomar a palavra do outro, que o sujeito constrói o seu discurso.

Além disso, o diálogo é um conceito que deve ser considerado como exemplo, a fim de compreendermos essa vertente teórica. Trata-se da forma mais costumeira de comunicação e interação verbal que reverbera a interdependência entre o eu e o outro, de modo que a mútua réplica, a ação responsiva entre o eu e o outro, compreende o diálogo, de fato. Isto concerne, portanto, à infundável relação do enunciado de outrem com o enunciado do eu que é realizado no presente. Chamaremos isso de relações dialógicas, um processo interacional no e pelo qual as construções enunciativas são estabelecidas pelas trocas de respostas que compreendem as necessidades de comunicação dos sujeitos.

De acordo com Bakhtin (1988, p. 88):

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica de discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar.

Esse trecho elucidava o conceito primordial do dialogismo do Círculo de Bakhtin, razão pela qual nos faz entender que não há discurso inédito, palavra que nunca foi dita, mas, discursos que surgem do passado e que são atravessados em discursos do presente, reverberações discursivas caracterizadas pelas marcas da intersubjetividade. O autor enfatiza a impossibilidade do discurso inédito

relacionado à metáfora do discurso de Adão e, para tanto, chama a atenção para o uso da língua como uma realidade semiótica viva, pois o ser humano não repete a palavra de outrem nem a constrói individualmente, mas a enuncia em contextos de interação com outros sujeitos.

Para deixarmos mais claro o posicionamento que defendemos sobre dialogismo, pretendemos focar que, na abordagem do Círculo de Bakhtin, todo e qualquer objeto material é previamente preenchido de sentidos que são construídos a partir da relação intersubjetiva nos diversos campos ideológicos. Desse modo, o sentido que é atribuído ao objeto da enunciação é formulado a partir de elementos sociais, posicionamentos e ideias gerais advindas de uma relação de alteridade. Fiorin (2006) apreende a concepção de dialogismo a partir do seguinte ponto de vista:

Quando alguém diz “É mulher”, não está simplesmente anunciando um dado da realidade. Se estiver declarando isso com admiração, mostrando que as mulheres são dotadas de uma fibra incomum, estará opondo-se a outros discursos, que embebem essa afirmação de desdém, que insiste em manifestar a inferioridade do sexo feminino – como se costuma fazer em nosso país, por exemplo, ao ver alguém cometer uma manobra inábil no trânsito e ao notar que o motorista é uma mulher. O discurso com apreciação admirativa dialoga com o discurso com entonação desdenhosa, um constitui-se a partir do outro (2006, p. 19 – 20, grifos do autor).

Como apropriadamente pontua esse autor, o diálogo constitui a oposição de pontos de vista, bem como o cruzamento de discursos que se imbricam nos processos de interação social. Para corroborar sua ideia, o autor estabelece que a construção negativa da imagem da mulher no trânsito é feita através da historicidade de enunciações que tematizam a mulher como a principal responsável por manobras indevidas ou errôneas no trânsito. Nesse caso, esse processo de construção de sentido sexista é feito a partir das progressões constantes e os deslocamentos de enunciações advindas de uma comunidade social que serve de cenário para a construção de pontos de vista ideológicos.

A partir das afirmações acima e de eventuais contrariedades, é fundamental salientarmos que “não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados” (FIORIN, 2006, p. 20). Entendemos que as unidades da língua são os fonemas, as palavras e as estruturas sintáticas. Estes são, de fato, elementos repetíveis, que não fruem grandes horizontes no uso da língua, porém o enunciado ultrapassa essa delimitação.

Antes de introduzirmos conceito de enunciado, primeiramente:

Nos é necessário, sobretudo, reter a ideia de que a linguagem não é alguma coisa imóvel, fornecida de uma vez por todas, e rigorosamente determinada em suas “regras” e em suas “exceções” gramaticais. Ela é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada: a linguagem encontra-se em um perpétuo

dever e seu desenvolvimento segue a evolução da vida social. A progressão da linguagem se concretiza na relação social de comunicação que cada homem mantém com seus semelhantes – relação que não existe apenas no nível do discurso. É na comunicação verbal, como um dos elementos do vasto conjunto formado pelas relações de comunicação social, que se elaboram os diferentes tipos de enunciados, correspondendo, cada um deles, a um diferente tipo de comunicação social. (VOLOSHINOV, 1930, p. 1).

Em resumo, é a partir do enunciado que o uso da língua se torna efetivo, seja em sua manifestação oral ou escrita. Como também é no enunciado que podemos encontrar os estilos, como nomeia o Círculo, de cada indivíduo participante de determinadas esferas enunciativas. Seguindo os pressupostos bakhtinianos, no capítulo introdutório de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (doravante MFL), Yaguello faz um apontamento um tanto condensado deste assunto. Ela diz que “ a enunciação [ato de anunciar], compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social.” (2006, p. 9).

A partir dessa relação intersubjetiva da construção do discurso, surge a manifestação do estilo particular do indivíduo. No entanto, nem todos os gêneros discursivos são passíveis a essa modalidade como, por exemplo, documentos oficiais e/ou que exigem um padrão de comunicação. Todavia, nos gêneros literários em geral, as manifestações enunciativas, sejam elas do autor ou das personagens, são individuais e é natural que elas carreguem consigo um estilo particular do indivíduo enunciador e assim reflitam essa individualidade tanto no ato da fala como no da escrita.

Bakhtin (2011, p. 267) diz que:

A linguagem literária é um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem; o peso específico desses estilos e sua inter-relação no sistema da linguagem literária estão em mudança permanente. A linguagem da literatura, cuja composição é integrada pelos estilos da linguagem não literária, é um sistema ainda mais complexo e organizado em outras bases.

A complexidade que se dá nessa relação de alteridade torna necessário que saibamos como a realidade interfere na construção dos enunciados, e a partir daí, como esta determina o gênero discursivo. Tendo em vista que, o fato do gênero literário ser um grande enunciado formado a partir de várias enunciações do cotidiano (*simples*), ele se torna mais complexo por causa das frequentes mudanças históricas no estilo da linguagem e, conseqüentemente, há o surgimento de uma contrariedade na sua identificação dentro do gênero do discurso, ou no próprio gênero, isto é, “a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2011, p. 268).

É justamente nessa utilização do estilo individual como também das relações de alteridade que o enunciado rompe os limites impostos às unidades da língua, pois ele não o faz apenas “por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Essa *construção composicional* corrobora a ideia de que: a construção do enunciado não depende, tão somente, das *unidades da língua*, mas sim, dos aspectos sociais externos oriundos das relações de intersubjetividade entre os indivíduos que participam conjuntamente em determinada esfera social.

Em suma, as esferas sociais são campos específicos, também distintos e dentro de cada uma dessas esferas as manifestações da língua mantêm alguns enunciados relativamente uniformes os quais exercem a função característica de determinado campo social. Tal uniformidade é chamada de *gênero do discurso*.

Sabemos que “a riqueza e a variedade dos gêneros [discursivos] são infinitas, uma vez que as possibilidades da ação humana são inesgotáveis e cada esfera de ação comporta um repertório significativo de gêneros do discurso” (FIORIN, 2006, p. 63), principalmente no cotidiano onde as réplicas dos diálogos têm uma diversidade significativa de temas. Assim sendo, a carga de sentido produzido no enunciado é formada a partir da interação de um ou de vários locutores e receptores: “Cada um desses pequenos gêneros de enunciados, que ocorrem no cotidiano, pressupõe, para ser realizado, que o discurso esteja em contato tanto com o meio extraverbal, como com o discurso do outro” (VOLÓCHINOV, 1930, p. 3).

No passado, em gêneros literários, buscava-se estudar as partes artísticas apenas no âmbito literário e suas distinções, como se estes também não fossem uma manifestação de enunciado e, ainda que distinta, partilhasse da mesma configuração linguística das demais. Assim, Bakhtin e o Círculo deram início à análise socioideológica desses gêneros, em especial do romance.

Com efeito, é preciso tomar conhecimento sobre a(s) natureza(s) geral(ais) dos enunciados. O romance, por exemplo, está introduzido no que Bakhtin chama de *gêneros Discursivos Secundários (complexos)*, que são formados a partir da junção e reconstrução de *Discursos Primário (simples)* – diálogo realizados diretamente do cotidiano e que integram a realidade – e estes discursos complexos deixam de integrar a realidade. Logo, “a própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos [secundários] lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia (BAKHTIN, 2011, p. 264)”. Por isso, o discurso secundário é dito complexo: sua construção envolve, além da linguagem, ideologias histórico-sociais.

E assim como todas as manifestações da linguagem, o romance também é favorável ao olhar do dialogismo bakhtiniano, por se tratar claramente de uma forma discursiva que concentra inúmeras manifestações de discursos sociais que são atribuídos aos personagens de cada obra fazendo-se evocadores da comunicação e do ato discursivo, dentro de um novo mundo e dentro de novas consciências.

No romance, o autor do discurso cria um novo mundo, com novos acontecimentos sociais e, como todo meio social, existirá também novos indivíduos

com novas consciências: consciências individuais. Todos estes – mundos, acontecimentos e indivíduos – são relativamente independentes de seu criador. Para Bakhtin (2015, p.15):

Trata-se, antes de mais nada, da liberdade e independência que elas assumem na própria estrutura do romance em relação ao autor, ou melhor, em relação às definições comuns exteriorizantes e conclusivas do autor. Isso, obviamente, não significa que a personagem saia do plano do autor. Não, essa independência e liberdade integram justamente o plano do autor.

De acordo com o que o autor descreve, essa independência das personagens não interfere na criação dialógica no/do romance, assim como, também, o enunciado do autor não interfere no enunciado individual das personagens. Visto que, suas consciências são diferentes, suas valorações são diferentes, isto é, todo e cada novo discurso será individual, pertencente a um novo indivíduo, independente do seu autor. O que ocorre, portanto, é que a consciência única do autor se transforma em uma pluralidade de novas consciências e, a partir daí, criam-se interações/diálogos entre os personagens do romance. Mas ainda o autor é participante do diálogo das vozes do romance, uma vez que ele é o criador/construtor de todas as consciências que integram o romance. Por isso, mesmo essas consciências sendo independentes, não podem fugir do que o autor determina em sua proposta de elaboração do romance. Nas palavras de Bakhtin (2015, p. 3):

O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e não como objeto da visão artística final do autor. Para a consciência dos críticos, o valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta imediata, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor, mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos.

No prefácio do livro *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD), Paulo Bezerra esclarece, em outras palavras, que, nessas novas consciências, seus discursos “[...] não se objetificam, isto é, não se tornam objetos dos discursos dos outros falantes nem do próprio autor e produzem o que Bakhtin chama de grande diálogo do romance.” (2015, p. 10). Por consequência, o autor do romance deixa de ser o possuidor único da voz, seu discurso não mais prevalece ou é imposto às personagens. Essas vozes passam a ter a mesma força e a mesma importância, a personagem, a partir do momento que em seu enunciado começa a desenvolver suas ideias de forma relativamente independente, ascende e toma proporções iguais a voz do autor. A essa multiplicidade de vozes e a equivalência entre as vozes das personagens e autor, Bakhtin chama de polifonia.

Desse modo, a polifonia a qual Bakhtin trata, é caracterizada, justamente, pela pluralidade de vozes e como essas vozes, na construção do romance, se tornam equivalentes à voz do autor. A partir da consciência central, que é a

consciência do autor, surgem indivíduos com novas significações e se tornam participantes diretos desse discurso, do diálogo que ocorre entre todas as consciências do romance.

Ainda em relação à “independência” das consciências, ideias e mundos desses sujeitos do discurso, é comum procurarmos transferências de fatores sociais externos dentro do enredo – ainda que seja possível transmitir fatores sociais externos para a obra, procura-se fazê-lo de forma que não transpareça – e esses fatos são comuns de acontecer, porém não podemos atribuir essa eventualidade à polifonia. Certamente, tais fatores podem, sim, fazer parte do enredo, mas não como parte fundamental do aspecto histórico-social daquele romance e sim de um ou outro personagem, sem uma função significativa no desenvolvimento da narrativa. Na visão de Bakhtin (2015, p. 23):

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento.

Com efeito, não faz parte das características da polifonia o suprimento da vontade/necessidade construtiva de apenas uma personagem, mas sim o que acontece de modo coletivo. É essa pluralidade que dá sentido a polifonia.

O dialogismo bakhtiniano trabalha todas as manifestações de linguagem, e o romance apresenta-se como um gênero de expressão linguística na literatura. O romance é, verdadeiramente, um meio pelo qual se torna visível às inúmeras expressões sociais discursivas, das quais fazem parte todos os indivíduos criados e criadores deste gênero discursivo, sempre de forma equivalente e harmoniosa, sem hierarquias ou submissões. Desse modo, o fenômeno polifônico desvenda a multiplicidade, de vozes e manifestações enunciativas em um gênero discursivo de tamanha riqueza.

1.1 TDL e Análise Dialógica do Discurso

A TDL e a Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) foram simultaneamente desenvolvidas pelo *Círculo de Bakhtin*: Bakhtin e Volochínov instituíram inicialmente os pressupostos teóricos que fundamentam essa teoria.

A TDL concebe uma abordagem voltada aos fatos discursivos originados no processo de interação social entre os sujeitos do discurso, os quais são constituídos a partir da historicidade e da ideologia desses sujeitos: “mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2016, p. 10).

Intrinsicamente a esta ideologia, estão contidos o que Bakhtin e o Círculo chamam de *signos ideológicos*, que são criados dentro das relações de intersubjetividade entre as esferas e atribuem função e significação além da propriedade material do objeto que pode ser compreendida por todos os sujeitos advindos de um grupo social. Miotello (2017, p. 170, grifo nosso) relaciona a ideologia ao signo, do seguinte modo:

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo dos signos. *E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é ideológico.*

Assim também como o projeto enunciativo e as ideologias, os signos ideológicos são construídos a partir das relações histórico-sociais, porém assumem um caráter particular em suas significações, quando *“a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sígnico. [...] Porque a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos”* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95, grifos do autor).

A saber, os reflexos externos e as relações sociais estão sempre presentes na TDL como um todo, assim como, também, na formação da consciência ideológica discursiva do sujeito. Desse modo, *“uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social”*. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Nesse caso, os signos deixam sua significação material literal e tomam caráter histórico-social no ato discursivo.

Por sua vez, devemos reforçar (como já foi dito no tópico sobre o dialogismo) que o dialogismo não procura estudar a língua em sua forma pura e abstrata, mas sim como um fato social e histórico. A essa concepção histórica nos estudos da linguagem, Bakhtin atribuiu o termo *cronotopo*, que é advindo de duas palavras gregas: *crónos* que significa tempo e *tópos* que significa espaço. Após instituir esse termo nos estudos de obras literárias, deu ao analista o poder de fazer a identificação do tempo e espaço da realidade social em que eram escritas as obras, principalmente os romances e assim, *“com base nesses elementos, o artista interpreta as intenções mais complexa dos homens, das gerações, das épocas, das nações, dos grupos e das classes sociais”* (BAKHTIN, 2011, p. 225)

Sabemos que os fatos discursivos têm os enunciados como resultado e que estes, por sua vez, são um produto da realidade e da interação entre os vários campos sociais, como também, é no enunciado que a linguagem efetiva-se como o complexo ideológico da manifestação dinâmica e viva da língua. Uma vez que essa teoria concebe a linguagem como um sistema complexo, esta refuta toda e qualquer concepção a qual caracterize a linguagem como um sistema imutável, inflexível, como um conjunto de referências petrificadas do mesmo modo como, por exemplo, se dão no dicionário.

Podemos entender a TDL, em relação aos estudos linguísticos, como “[...] formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias [...]” (BRAIT, 2016, p.10).

Desse modo, o enunciado e toda a significação que o indivíduo constrói se dão por meio do que ele recebe, a partir da esfera/do meio em que este seja participante. Na medida em que esse indivíduo recebe todas as cargas valorativas, significativas etc., que lhe são impostas, e este as concebe, ele passará a ser produtor de seu próprio enunciado, onde empregará novas entonações.

Sabendo que, o ainda indivíduo – nascido e recém inserido em uma determinada esfera social – não possui a capacidade de desenvolver um domínio comunicativo de forma autônoma, ele necessita da ocorrência de inúmeras interferências externas que o exponha a uma carga de significados e domínios comunicativos para que este possa obter o conhecimento linguístico necessário e “[...] já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo.” (VOLÓCHINOV, 2006, p. 44)

Conceber as definições da TDL é parte fundamental para aplicar a análise dialógica em quaisquer manifestações linguísticas que se tenha acesso. Com uma descrição precisa sobre como deve ser feita esta análise, Brait explica que:

O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá – como se pode observar nessa proposta de criação de uma nova disciplina [*Metalinguística*], ou conjunto de disciplinas – herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (2016, p.13-14, grifos do autor)

Efetivamente, a Metalinguística, matéria citada anteriormente, surge como um suporte mais congruente nas ocasiões em que os estudos do discurso venham superar os limites de abordagem da Linguística. Essa nova matéria trata desses estudos de uma forma mais complexa, *extralinguísticas* como diz o próprio Bakhtin, porém não se desvincula da Linguística, de modo que, elas estudam as

mesmas ocorrências, de perspectivas distintas e ainda se completam para obtenção de uma análise objetiva.

2 Aspectos metodológicos

Buscamos abordar, nesta pesquisa, os princípios do Círculo de Bakhtin, a partir dos pressupostos da TDL e relacioná-los à (re)construção do sujeito dentro das relações sociais.

Nossa pesquisa tem caráter qualitativo interpretativista, pois se trata uma de uma pesquisa que irá discutir os aspectos sociais (contextuais) e as relações interacionais entre os sujeitos do discurso, dentro de uma obra literária. Tal pesquisa possibilita uma descrição mais profunda desses aspectos sociais contidos no romance *Great Expectations* e, pelo fato de nossa pesquisa ser fundamentada sob os princípios da TDL, é importante ressaltar a influência direta do Método Sociológico/Socioideológico nesta análise. O qual, procura analisar as manifestações discursivas a partir dos aspectos valorativos e históricos, dentro das relações interpessoais. As amostras coletadas a partir do romance são representações dos aspectos valorativos, sociais e históricos de determinados campos ideológicos, os quais constituem uma realidade social criada a partir da consciência do autor, construída e enriquecida com os aspectos sociais da vida real.

O romance *Great Expectations* (1860), é um dos romances mais marcantes da Literatura Inglesa desde sua elaboração, em meados do século XIX – da era vitoriana – até os dias atuais. Assim como em boa parte dos escritos de Charles Dickens, o romance em questão traz uma crítica direta contra as consequências do capitalismo vivido na Inglaterra durante esse período. Por isto, esse romance aparece não só como uma bela obra literária, mas também como um veículo que o autor utilizou para manifestar as condições sociais que os sujeitos ali situados estavam vivendo. Além disso, tendo a sociedade como objeto de inspiração e reflexão, Dickens encontrou nas esferas sociais um instrumento para a proporção e o alcance que seu romance tomou.

Assim, no romance *Great Expectations*, procuramos direcionar um olhar analítico sobre como o sujeito do discurso é restituído em uma nova esfera social e como (re)constrói suas ideologias a partir das relações interpessoais que influenciam diretamente para essa construção. Os enunciados que expõem essa continuidade construtiva foram identificados dentro dos capítulos 18, 19 e 20 da referida obra. Como utilizamos a versão em língua inglesa ao fazermos a identificação desses enunciados, realizamos um processo de tradução nos trechos utilizados na análise.

Ademais, identificamos os enunciados que demonstravam quais os aspectos sociais que deram início a essa inserção da personagem (Pip) em sua nova esfera social. Posteriormente, realizamos a categorização desses aspectos sociais nos enunciados, o que resultou na identificação de 5 (cinco) categorias, a saber:

- (1) A construção ideológica de classes sociais
- (2) A construção ideológica do cavalheiro Pip

- (3) A construção ideológica das esferas sociais
- (4) A construção ideológica do trato
- (4) A construção ideológica da estética das vestimentas

Após a identificação dessas categorias, demos continuidade à análise, seguindo, como anteriormente descrito, uma abordagem discursiva voltada ao método sociológico, pertinente a TDL.

2.1 A construção dialógica de classes sociais:

Conforme apresenta Volóchinov (2017), no processo de interação entre os sujeitos, existe a hierarquia de classes sociais, isto é, quando o interlocutor realiza o seu projeto discursivo, ele se orienta em direção ao seu interlocutor de acordo com a posição que este ocupa no horizonte social. Decerto, o modo de avaliação do outro faz com que o enunciador utilize uma linguagem adequada, bem como uma maneira particular que estabelece o ato enunciativo que toca na compreensão do outro. Sendo assim, no romance *Great Expectations*, podemos identificar uma construção dialógica referente à compreensão da classe social. Nesse sentido, observamos que existe uma diferença significativa no tratamento que é dado ao cavalheiro (Pip), pois, quando este chega em uma alfaiataria para encomendar seus novos trajes, o proprietário do estabelecimento utiliza dois tipos de tratamento, a saber:

Quadro 1: Tipos de tratamento em relação à classe social

Tratamento (1): Pip é tratado com desdém ao chegar no estabelecimento.

Tratamento (2): Pip é tratado com importância quando diz que recebeu uma herança.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Em (1) e (2) do Quadro 1, observamos as possíveis maneiras como Pip é tratado e isso está relacionado diretamente à sua enunciação sobre, de modo presumido, a classe à qual pertence. Na primeira maneira de tratamento, a construção do desdém se fundamenta no fato de que o proprietário o avalia como se ele fosse uma pessoa sem posses, pois, de modo pressuposto, o dono da loja não viu em Pip possibilidades de condições financeiras para comprar o produto. De outro modo, na segunda maneira de tratamento, quando Pip diz que recebeu uma grande fortuna, o dono da loja deixou todos os afazeres de lado e passou a dar atenção especial ao jovem afortunado. Vejamos a construção dessas duas formas de tratamento a partir dos enunciados no Quadro 2:

Quadro 2: Enunciados 1, 2, 3 e 4

Enunciado (1): Fui cedo até a cidade para poder encontrar as lojas abertas, e apresentar-me ao Sr. Trabb, o alfaiate, que estava tomando café da manhã, em um salão atrás da loja, o qual, não achou minha presença importante o bastante para ir me atender, mas me mandou ir até ele*

Enunciado (2): Bem! – Disse o Sr. Trabb, com uma saudação bem comum – Como vai você, e o que posso fazer por você?*

Enunciado (3): Sr. Trabb – disse eu – é uma coisa desagradável de mencionar, porque parece presunção de minha parte; mas eu recebi uma bela herança. Uma mudança repentina ocorreu com o Sr. Trabb. Ele levantou rapidamente, enxugou os dedos na toalha da mesa, e exclamou: O Senhor me abençoe! *

Enunciado (4): Meu estimável senhor – disse Sr. Trabb, enquanto dirigia-se até mim, abria seus braços e tomou a liberdade de me tocar, e me tomando pelo braço disse: “ Não me incomoda que tenha mencionado tal fato. Posso lhe parabenizar? Me faria o favor de entrar? * ”

Fonte: Elaboração própria, 2018.

No Enunciado (1) do Quadro 2, a construção dialógica da classe social é estabelecida pelo cruzamento dos elementos valorativos “**e apresentar-me ao Sr. Trabb, o alfaiate, que estava tomando café da manhã**” e “**o qual, não achou minha presença importante o bastante para ir me atender, mas me mandou ir até ele**”, que instituem efeitos de sentidos relacionados à prioridade de se estar realizando um ato de extrema necessidade para a sustentação do corpo e ao desinteresse de atender e considerar importante um determinado ser humano. Através desse cruzamento, percebemos que o primeiro ato, *a priori* importante, torna-se irrelevante diante da enunciação que valora o poder aquisitivo de Pip.

Nesse caso, no enunciado (3) do quadro 2, vemos que Pip reconhece o desdém do alfaiate e utiliza-se de enunciados elucidativos, ainda que de maneira retraída, a fim de mudar o comportamento do senhor para como ele, desse modo, Pip enuncia que: “**parece presunção de minha parte; mas eu recebi uma bela herança**”, e em seguida, “**uma mudança repentina ocorreu com o Sr. Trabb**”, tais enunciados instituem o efeito da valoração que é atribuída a Pip, decorrente de sua declaração, e faz com que o alfaiate eleja a atenção e atendimento à pessoa deste, como suas novas prioridades, essa mudança, relacionadas diretamente com o novo poder aquisitivo do jovem afortunado. Então, no enunciado (4), podemos confirmar essa mudança no modo de tratamento do Sr. Trabb para com Pip, como segue: “**Me faria o favor de entrar?** ”, dirigindo uma cordialidade, concernente, à nova classe social de Pip.

Podemos identificar essa mudança, também, no direcionamento do trato, em relação com a progressão social do sujeito, e a relação interativa que este exerce com seu semelhante. Identificamos que nas formas como Pip é tratado, as quais foram categorizados e apresentados no quadro (1), há uma progressão que segue a evolução e a mudança do sujeito em relação à sua classe social, vejamos o

enunciado (2) do quadro 2, onde o Sr. Trabb recebe Pip “**com uma saudação bem comum – Como vai você, e o que posso fazer por você?**”, e posteriormente a declaração do jovem afortunado este mesmo senhor dirige-se a Pip como, “**meu estimável senhor**”. Desse modo, os enunciados que foram direcionados a Pip foram produzidos de acordo com o que o enunciador (Mr. Trabb) julgou apropriado. Inclusive, Volóchinov (2017) compreende que, a linguagem é um produto das relações intersubjetivas, ela se institui nas relações sociais e, por tanto, segue evoluindo junto à vida social, acompanhando, historicamente, suas mudanças.

Os projetos enunciativos do Senhor Trabb são dirigidos a Pip, que é o interlocutor em potencial, e a construção desses enunciados corrobora com o nível valorativo da classe social a qual pertence o cavalheiro (Pip), assim, como também, os enunciados realizados pelo interlocutor coincidem, representativamente, as valorações inerentes à sua classe social.

2.2 A construção ideológica do cavalheiro Pip

Segundo Volóchinov (1930), entende-se por ideologia, todas as reflexões e interpretações que o sujeito tem concebido na sua mente da ou sobre a realidade social a qual pertence, que as expressa através dos signos no processo comunicativo e nos projetos enunciativos que o sujeito constrói. Assim sendo, as significações instituídas com as reflexões verbais e não verbais dentro de cada esfera discursiva são compartilhadas e compreendidas pelos sujeitos que fazem parte desses campos. Para tanto, o conhecimento compartilhado desses fatores extraverbais (contextual) pelos sujeitos é fundamental para que se mantenha a compreensão do sentido, ou seja, se não há uma compreensão mútua do contexto verbal e extraverbal, não se pode garantir a compreensão adequada do sentido do enunciado.

Percebemos que no romance há uma construção ideológica do personagem Pip sobre sua condição social de cavalheiro e afortunado, na qual ele expressa reações diante das novas experiências nos meios que apreendem essas ideologias e os signos ideológicos. Vejamos:

Quadro 3: A construção ideológica do cavalheiro Pip

Ideologia 1: Pip sente-se incomodado com a possibilidade de que as pessoas que moram próximas e o conhecem o vejam vestido como um cavalheiro.

Ideologia 2: Pip não reconhece o tratamento que lhe é direcionado quando chamado de senhor.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Na ideologia 1 e 2 do quadro 3 foram identificados dois momentos em que o cavalheiro (Pip) demonstra que suas ideologias como cavalheiro ainda estão sendo

construídas. Seu conhecimento do meio contextual e verbal em que foi recentemente inserido ainda não está totalmente formado. Então, no primeiro momento, ele demonstra receio em vestir-se como um jovem cavalheiro diante dos que compartilhavam a mesma esfera ideológica, como também, no segundo momento, Pip mostra estranheza ao fato de que lhe foi atribuído um pronome de tratamento em referência a sua nova estirpe. Vejamos os enunciados que esclarecem esses fatos:

Quadro 4: Enunciados 1 e 2

Enunciado 1: Estive pensando, Joe, que quando eu for à cidade na segunda e encomendar meus novos trajes, direi ao alfaiate que eu devo vesti-los lá ou que os enviarei para a casa do Sr. Pumblehook. Seria muito desagradável ficar aprontado com todas as pessoas aqui*.

Enunciado 2: Ah! – Exclamou o Sr. Pumblehook, reclinando-se na cadeira com uma expressão de admiração – É assim que você os conhece, senhor! (Eu não sei quem era o senhor, mas ele certamente não era eu. E não havia nenhuma outra pessoa presente*).

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Vemos que, no enunciado 1 do quadro 4, antes mesmo de encomendar os novos trajes, Pip demonstra receio de se apresentar vestido como um *gentleman* e diz ao seu amigo que deve “**vesti-los lá**” na alfaiataria ou que irá enviar à casa de um senhor de algumas posses, por nome de Sr. Pumblehook, porque seria “**muito desagradável ficar aprontado com todas as pessoas aqui**”, fazendo uma inferência sobre a reação dos demais sujeitos do contexto social em que se encontra e mostra um reconhecimento inicial do campo social ao qual está adentrando.

Também, no segundo enunciado, vemos uma compreensão equivocada ou até mesmo a falta dela em relação ao sentido atribuído ao pronome de tratamento **Senhor**, no qual Pip não reconhece este trato como algo congruente a si. Isso pode ser percebido quando ele diz: “**Eu não sei quem era o senhor, mas ele certamente não era eu**” e, logo em seguida, quando afirma que não havia mais ninguém presente para quem esse tratamento pudesse ser direcionado: “**E não havia nenhuma outra pessoa presente**”. Tais enunciados instituem o sentido de que há uma construção ideológica do cavalheiro em relação à esfera a que este pertence e a qual deverá pertencer em breve.

Essa construção ideológica do cavalheiro se dá, inicialmente, no momento em que Pip começa a participar dos aspectos contextuais de uma classe social mais elevada, a saber, a visita a uma loja de prestígio, a compra de trajes finos, a relação construída com outro senhor etc. Volóchinov (2017) defende que, para que haja uma compreensão enunciativa adequada, é necessário que o sujeito do discurso partilhe dos mesmos conhecimentos dos demais interlocutores e, para tanto, o sujeito deve atentar para os aspectos verbais e extraverbais, espaciais e físicos, contidos no campo enunciativo, como no segundo exemplo do quadro 4, em que

Pip não compartilha, de fato, dos mesmos signos ideológicos do Sr. Trabb e não compreende o porquê de ter recebido uma valoração que lhe foi referida.

Ademais, esta unicidade, no que diz respeito ao contexto geral da esfera enunciativa, na compreensão/construção do sentido constitui o diálogo e, conseqüentemente, a linguagem que só se constitui dialogicamente, quando há essa partilha dos signos ideológicos.

2.3 A construção ideológica das esferas

Segundo Bakhtin/Volóchinov (2006), as esferas sociais são repletas de diferenças, pois, dentro desses campos ideológicos, há a representação dos signos linguísticos que compõem o discurso. Cada esfera ideológica tem seu próprio direcionamento à realidade, assim como também cada esfera possui uma função pertinente às relações interpessoais entre os participantes desses campos. Da mesma forma, Bakhtin/Volóchinov (2006, p. 23, grifos do autor) o diz: *“é seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.”*

Sabemos que é dentro de cada esfera onde as valorações, as ideologias e a construção dos signos ideológicos acontecem, pois são nelas que o indivíduo se torna sujeito e parte integrante dessas esferas ideológicas. Podemos apreender que, no romance *Great Expectations*, existe uma evidenciação da necessidade da construção do cavalheiro dentro da esfera social a qual deverá pertencer. Primeiramente, é uma das exigências do novo tutor de Pip, que este deixe sua atual esfera para adentrar a esfera que o irá constituir como um cavalheiro, de fato. Em seguida, há uma afirmação como uma recomendação direcionada a Pip para que o jovem cavalheiro afortunado assuma o seu lugar de direito, a fim de aprimorar-se como tal. A partir disso, consideramos os seguintes indicadores apresentados no quadro que se segue:

Quadro 5: A construção do cavalheiro na esfera social

Indicador (1): O cavalheiro deve deixar sua atual esfera e ocupar uma nova posição em uma nova esfera.

Indicador (2): Sua evolução será mais significativa quando deixar essa esfera “inferior”.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Ao identificarmos o indicador (1) da categorização, apresentado no quadro 5, podemos observar que a idealização do cavalheiro está diretamente ligada a posição social que este deve assumir, como se toda a sua formação ideológica dependesse disso e, certamente, o é. Essa necessidade de ascensão à nova esfera, para uma obtenção completa de novas ideologias, está evidenciada no indicador (2) do quadro 5, onde o cavalheiro é instigado a deixar a sua atual esfera social.

Vejamos os enunciados que seguem:

Quadro 6: Enunciados 1 e 2

Enunciado (1): [...] além disso, esse é um desejo do atual possessor dessa propriedade, que ele [Pip] seja imediatamente tirado de sua atual esfera de vida e desse lugar, e que seja educado como um cavalheiro – em uma palavra, como um jovem companheiro de grande fortuna*.

Enunciado (2): Bem. Sr. Pip, eu penso que o quanto antes você sair daqui – como você deve se tornar um cavalheiro – melhor*.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Vemos que, no enunciado (1) do quadro 6, a construção do cavalheiro na esfera social se dá por meio da inserção deste na esfera em que os sujeitos compartilhem da mesma formação/compreensão ideológica, afim de que possa suscitar neste sujeito as mesmas ideologias, veja: **“e que seja educado como um cavalheiro”**. Para isto, Pip deve ser **“imediatamente tirado de sua atual esfera de vida”**. Nesse caso, há uma relação direta entre a esfera que Pip deve adentrar e a sua formação haja vista que, sem essa relação, não existiria a construção do sujeito (Pip) como um cavalheiro. Para tanto, o Sr. Jagers – advogado, cavalheiro e pertencente a uma esfera social que carrega todas as valorações ideológicas necessárias – direciona uma recomendação a Pip, afirmando que ele se torne um cavalheiro de fato, aspecto presumido em: **“o quanto antes você sair daqui [...] melhor”**. A partir de tais enunciados, institui-se o sentido de que a construção do cavalheiro dentro da esfera social corrobora o fato de que cada campo ideológico possui suas distinções; que cada uma delas tem sua participação nos fatos sociais e que também as relações interpessoais dependem dessas diferenças para existirem de forma dialógica.

2.4 A construção ideológica do trato

Os estudos do Círculo abordam a comunicação verbal como um dos inúmeros elementos construídos a partir das relações sociais de intersubjetividade, nas ou pelas quais são elaborados diferentes tipos de enunciações correspondes a um tipo de comunicação nos diferentes tipos de relações interpessoais. Essa construção do trato de Pip se dará, pela linguagem, de modo progressivo. Percebemos, inicialmente, que o desenvolvimento da orientação enunciativa do cavalheiro e o uso do trato são estabelecidos por meio de correções feitas a partir do Sr. Jagers, a saber:

Quadro 7: A construção da linguagem do cavalheiro

Uso do trato (1): A tentativa de expressar-se corretamente.

Uso do trato (2): O sujeito que pertencente à nova esfera instiga a autocorreção do jovem cavalheiro.

Uso do trato (3): Reconhecimento do erro no trato da linguagem.

Uso do trato (4): Progressão na construção do trato da linguagem.

Uso do trato (5): Partilha do sentido do trato da linguagem.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Identificamos uma sequência progressiva na construção da linguagem de Pip como cavalheiro, na qual o uso do trato (1) do quadro 7 indica que a intenção da personagem era estabelecer uma relação de sentido considerada adequada com o outro interlocutor. No entanto, vemos que, no uso do trato (2) do mesmo quadro, o outro sujeito do discurso influencia o jovem cavalheiro a construir o seu enunciado de forma congruente à sua nova estirpe social. Assim também se dá nos usos (3) e (4), nos quais, novamente, o outro sujeito (Sr. Jagers) fará com que a personagem (Pip) corrija-se, até que seu projeto enunciativo seja compatível com o público a que este está se dirigindo e deverá fazer parte brevemente. Pudemos observar o início dessa congruência no uso do trato (5), no qual há o compartilhamento de sentido dos signos ideológicos. A fim de comprovarmos essa construção inicial da linguagem do cavalheiro, observamos os seguintes enunciados:

Quadro 8: Enunciados 1 e 2

Enunciado 1: Você conhece esse nome? - Disse o Sr. Jagers, olhando de forma perspicaz para mim, e depois fechando os olhos enquanto esperava pela minha resposta. Minha resposta foi que eu já havia ouvido esse nome. “Oh! ” Ele disse. “Você já conhece esse nome. Mas a questão é, o que você disse sobre isto? ”. Eu disse, ou tentei dizer, que eu estava muito agradecido por sua recomendação – “Não, meu jovem” – ele interrompeu. Balançando sua cabeça grande bem devagar. “Corrija-se! ”. Sem me corrigir, comecei novamente dizendo que eu estava muito agradecido a ele por sua recomendação*,

Enunciado 2: Não meu caro – Ele interrompeu, balançando a cabeça, franzindo a testa e sorrindo ao mesmo tempo – Não, não, não. Está indo muito bem, mas não serve. Você é muito jovem, me corrija isso. Recomendação não é a palavra. Tente outra – Corrigindo-se, eu disse que estava muitíssimo grato por ele mencionar o Sr. Matthew Pocket – “Assim é mais aceitável”, exclamou o Sr. Jagers*.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

No enunciado (1) do quadro 8 a construção do trato na linguagem do cavalheiro é estabelecida a partir do cruzamento dos enunciados equivocados de Pip e as retificações feitas pelo Sr. Jagers, que trazem elementos valorativos que compõem o discurso do cavalheiro dentro da esfera. Identificamos que, na fala de Pip, ele descreve o questionamento no qual o Sr. Jagers o “**estava olhando de forma perspicaz**”, pois “**esperava pela minha [sua] resposta**”, com o intuito de saber até onde iria seu domínio enunciativo e Pip o deu uma resposta simples na qual não julgou adequado o uso de um jovem senhor afortunado. Voltando a

questionar com o mesmo intuito de antes, ele diz: “**Mas a questão é, o que você disse sobre isso?**” e, nesse modo de dizer, o cavalheiro (Pip), em sua primeira tentativa de correção, utilizou-se de um termo que não concernia aos signos ideológicos da esfera em que Pip adentrara e assim o fez por duas vezes seguidas.

A partir daí percebemos que houve uma progressão na construção da linguagem da personagem quando, no enunciado (2) do quadro 8, o Sr. Jaggers manifesta-se novamente dizendo que Pip “**está indo muito bem**”, porém ainda não é o tipo de projeto enunciativo que deve ser dirigido, “**pois não serve**” ao outro sujeito pertencente a este determinado campo social e pede que o jovem cavalheiro “**tente outra vez**”. Então, corrigindo-se, o jovem cavalheiro “**disse que estava muitíssimo grato por ele [Sr. Jaggers] mencionar o Sr. Matthew Pocket**”. Percebemos que a personagem procurou utilizar-se de signos ideológicos mais refinados, de um trato de linguagem mais sofisticado que fosse “**mais aceitável**” dentro do novo campo ideológico que Pip participaria.

Desse modo, a construção do trato na linguagem de Pip é inerente a sua formação ideológica como um todo, pois a participação do sujeito do discurso dentro da esfera/campo social depende, indiscutivelmente, da compreensão/construção do sentido dos signos ideológicos pertinentes a essa esfera e da maneira como ele irá desenvolver-se como reconstrutor do diálogo.

2.5 A construção ideológica estética das vestimentas

No processo de interação, como pontua o próprio Bakhtin (2011), o diálogo é constituído por elementos verbais e extraverbais que compõem os gêneros do discurso. Esses elementos extraverbais, principalmente no romance, são essenciais para que o analista possa identificar, no enunciado, a realidade social da obra, seus grupos e classes sociais, seus aspectos históricos etc. Sabemos, portanto, que a criação e recriação de sentido partem de uma concepção coletiva, de pontos de vistas de um determinado campo ideológico, construído histórica e socialmente pelos indivíduos deste campo. Nesse caso, podemos identificar que, no romance em análise, existe uma concepção estético-histórica ligada ao modo como um cavalheiro deve vestir-se, na forma valorativa de como este deve apresentar-se dentro de sua esfera, a saber:

Quadro 9: A valoração da construção da estética

Valoração 1: A importância da estética para o cavalheiro.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Observamos que, ao adentrar em uma nova esfera social, o jovem cavalheiro Pip é recomendado, *a priori*, para que mude seus trajes, para que possa compartilhar dos mesmos espaços que os demais sujeitos de sua nova estirpe social. Percebemos, contudo, que a forma como ele se apresenta causa uma certa

inquietação àqueles que não o viam apresentar-se como cavalheiro e ele utiliza-se de sua nova condição estética para tal. Vejamos os enunciados que seguem:

Quadro 10: Enunciado 1 e 2

Enunciado 1: Em primeiro lugar – disse o Sr. Jagers – você deve comprar roupas novas para ir à Londres, e elas não devem ser roupas de trabalho*.

Enunciado (2): Então na sexta-feira pela manhã fui até a casa do Sr. Pumblechook, vesti meu novo traje para fazer uma visita à Senhorita Havisham*.

Enunciado (3): Sara Pocket veio até o portão, e surpresa cambaleou para trás quando viu minha mudança. Seu semblante moreno transformou-se de marrom para verde e depois para amarelo. Você? – Ela disse – Você, está gracioso!

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Observamos que, no enunciado (1) do quadro 10, a construção estética do cavalheiro é também relacionada ao modo de se vestir. Pip é orientado a adquirir novas vestimentas para ir até à cidade, as quais devem ser finas, dignas de um sujeito participante de uma classe social elevada, bem como a personagem do advogado diz: “**elas não devem ser roupas de trabalho**”. No enunciado (2) do mesmo quadro, após acolher as recomendações do Sr. Jagers, o cavalheiro Pip decide exibir-se usando seu “**novo traje para fazer uma visita à Senhorita Havisham**” que era uma mulher a quem Pip tinha grande estima e é participante do novo grupo ideológico de Pip.

Observamos que, no enunciado (3) do quadro 10, Pip relata a surpresa da personagem (Sara Pocket) que “**cambaleou para trás**” ao ver sua mudança e, por estar vestido com trajes elegantes, foi qualificado de forma positiva, veja: “**você está gracioso!**”. A partir do que institui esses enunciados, podemos, assim, descrever a valoração histórica e ideologicamente atribuída aos trajes, como uma construção estética de um sujeito socialmente e historicamente situado como um típico jovem cavalheiro.

Considerações finais

Ao considerarmos as relações sociais como uma forma concreta da construção ideológica pela qual o indivíduo se constitui sujeito e participante dessas esferas ideológicas, afirmamos que as categorias que foram identificadas na análise tratam dos elementos fundamentais para que a personagem do jovem Pip possa (re)construir-se ideologicamente como sujeito do discurso.

Nesse caso, observamos inicialmente que Pip era sujeito participante de uma determinada esfera social em que os demais sujeitos participantes não possuíam os elementos valorativos pertinentes que pudessem transferir para a personagem afim de que houvesse a construção ideológica do cavalheiro em Pip.

Como lhe foi encaminhado por seu novo tutor, Pip deveria desligar-se de sua atual esfera social e integrar-se em uma outra que pudesse lhe transmitir todas as valorações necessárias para que este se constituísse cavalheiro.

Seguindo os pressupostos da TDL, a partir dos enunciados apresentados em cada uma das categorias, pudemos identificar que os elementos de valoração social e construção do cavalheiro Pip no romance *Great Expectations* estão diretamente relacionados às relações interacionais que este deverá assumir dentro da nova esfera ideológica. Desse modo, entendemos que os elementos dialógicos que compõem a construção ideológica de Pip ocorrem de forma progressiva, isto é, na medida em que a personagem começa, aos poucos, adentrar à esfera da nobreza e partilhar dos elementos dos signos e suas ideologias que são desenvolvidas com os pressupostos adequados para sua nova constituição como cavalheiro.

Uma vez que se dá início a essa imersão do jovem cavalheiro na sua nova esfera social, observamos, no romance, portanto, que os demais participantes do discurso mudam a forma do trato para com Pip. Identificamos essa mudança no trato, utilizando-nos do princípio dialógico de que o projeto enunciativo dos sujeitos do discurso é construído de acordo com a formação ideológica do público alvo e da partilha dos signos ideológicos entre os interlocutores do diálogo. Nesse sentido, as valorações sociais atribuídas a Pip o fizeram apresentar-se de maneira superior à que ele costumava estar.

Para tanto, entendemos que os valores ideológicos atribuídos ao cavalheiro se apresentam de uma maneira muito forte em uma obra literária inglesa escrita em meados do século XIX, em um país monarca, onde se perpetuam as questões comportamentais e estéticas que um senhor deve possuir. O romance em voga relaciona as questões sociais da época com os elementos sociais tratados no romance, razão esta que nos faz identificar esses elementos valorativos de uma forma mais clara.

A análise que realizamos foi direcionada, de modo especial, para a construção ideológica de Pip como cavalheiro e para o processo inicial de sua construção em uma nova esfera social. O nosso objetivo, portanto, foi cumprido em identificar como ocorreu esse primeiro contato de Pip com os elementos sociais dessa nova esfera e como foram construídas as atitudes responsivas dos demais interlocutores participantes do discurso no romance.

De modo particular, detectamos que os aspectos socioeconômicos em que a obra foi escrita fizeram com que o autor, como sendo a consciência formadora de todas as consciências do discurso, utilizasse de transferências referenciais do contexto histórico real para o contexto social da obra. Por este motivo, observamos que o modo de construção do todo ideológico do cavalheiro foi estabelecido pelo princípio da polifonia que possibilitou serem analisadas as manifestações das vozes histórico-sociais presentes no romance. Sabemos, portanto, que esmiuçar tais aspectos exigiu uma abordagem mais profunda dos elementos que compõem as relações sociais dentro do romance.

Referências

AMORIN, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012, p. 17 – 43.

_____. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. – 2. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016, p. 95 – 114.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; a introdução e tradução do russo Pulo Bezerra, - 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Problemas na poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra, - 5.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójianov. – 1.ed. – São Paulo: Editora 34, 2015b.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, et. Al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____, YAGELLO, Marina. Introdução. in: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Marina Yagello. 12. ed. – São Paulo: Hucitec, 2006. p. 4 – 12.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. – 5. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017, p. 191 – 200.

BRAIT, Beth. Estilo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. – 5. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017, p. 79 – 102.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016, p. 9 – 32.

_____. Problemas na poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012, p. 45 – 72.

_____. DICKENS, Charles. *Great Expectations*. cap. 18-20. pub. Planet PDF, 2011.

FIORIN, José Luís. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 1.ed. 1ª impressão. – São Paulo: Ática 2006.

GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. 2.ed. – Porto Alegre; Penso, 2012.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016, p. 9 – 32.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. – 5. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017, p. 133 – 160.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. – 5. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017, p. 167 – 176.

VOLOCHÍNOV, Valentin, (1895-1936). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem; tradução, notas e glossário de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheilla Grillo*. 1.ed. – São Paulo: Editora 34, 2017

_____. VOLOCHÍNOV, Valentin N. (1926) *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de; FREITAS, Amanda Freire de. A construção dialógica do cavaleiro no romance grandes esperanças. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 8, n. 2, p. 263-286, maio-ago. 2019.*

As autoras

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira é doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

Amanda Freire de Freitas é graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.